

PÁGINA LITERÁRIA

ABERTURA

Esta página, hoje aqui iniciada, pretende ser um veículo de revelação de valores novos.

Nêste pôrto encontrarão abrigo tôdas as naus que venham lançar-se à conquista de caminhos inéditos entre nós — rota começada já, mas ainda por concluir.

Êste é um pôrto franco para todos os homens que se não esqueçam da sua condição humana, e não olvidem, principalmente, o que devem a outros homens, de tôdas as raças e de todos os cantos do mundo—dos mais ignorados cantos do mundo.

E que todos tragam na carta de bordo êste objectivo de viagem—atingir a vida.

Aqui não entrarão as naus de recreio, nem as de marinheiros piratas.

Nêste porto franco não se goza a vida fútil, feita à custa de injustiças e lutos.

Nêste pôrto franco não encontram amarra os que vêm do saque.

As naus que aportarem à sua bonança, não esperem encontrar aqui o embalo de vaidades, nem o repouso que leva à modorra

E as canções dos marinheiros não serão tristes e maguadas, de amores— as bocas dos marinheiros não falarão nos olhos negros daquela mulher que não voltou, nem nas mãos daquela outra que deu carícias. As nossas canções falarão na vida — na vida que buscamos.

As nossas canções dirão a todos os homens de boa vontade que têm lugar a bordo.

Nêste pôrto as naus virão aparelhar para a rota comum.

E a agulha da nossa bússola já-mais perderá o norte. O nosso norte marca um caminho largo, onde cabem todas as naus que não sejam de recreio ou as que tragam a bordo marinheiros piratas.

E fortalecidos pela certeza de que chegamos, e ainda porque somos muitos, pode o mar encapetar-se e rugir...

...podem os vendavais correr à sôlta pela nossa rota...

...podem cair chuvas inclementes e os raios riscarem o espaço do seu lume azougado...

Que o perigo não nos amearontará. Que a nossa bússola não perderá o norte.

Aqui é pôrto franco!

Mas que todos tragam na carta de bordo êste objectivo de viagem — atingir a vida para servir toz os homens.

alves redol

TROVAS

Os dias passam correndo,
devagar passa uma hora:
— mas a gente vai morrendo
cada vez que nasce a aurora...

A nuvem de escuridão
tolda-nos o firmamento:
— e, em mim, tapa o coração,
a nuvem do sofrimento...

Sempre adorei a tristeza!
Gosto muito da negrura!
— Porque no negro há beleza,
beleza da desventura.

Um trigo tem uma espiga,
uma espiga tem um grão:
— não há uma rapariga
sem a "dor de coração"!

... Dançai! dançai! que na dança
anda a gente cá na vida,
— onde temos tanta esperança
e tanta ilusão perdida!...

Eça de Queiroz não é imoral

«Para uns *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio* são romances de dissolução moral; para outros são estudos de grande efeito moralizador. » Há quem julgue a obra de Eça de Queiroz puramente demolidora, heterodoxa e dissolvente; e há quem afirme que nela existem, equilibrados e lúcidos, princípios defensáveis, esclarecedores e, sobretudo, construtivos...

Ora, o tempo corre, as gerações sucedem-se — e nós verificamos que a obra de Eça de Queiroz ainda vive. E, dado que ela vive, como viveu (e viverá, se o meio social não sofrer mudança completa) — está justificada aquela antagonia de conceitos. Porque, de resto, a razão dela viver ainda, é ser discutida — e para que se discuta, é condição indispensável que êsse antagonismo fervilhe. E se tal antagonismo existe, se tal obra se firmou pela razão apontada, havemos de concordar que não se afasta de uma concepção fundamentada, esta ideia de alguém julgar a obra de Eça de Queiroz, como o mais pecaminoso antro, destruidor de lúdimos princípios. E' que as figuras que êle nos traçou, cruzam-se conosco na rua, privamos com elas pela vida fóra, ouvimo-las falar, vemo-las sorrir — e os seus ridículos, e tarac, e vícios, e maldades, que o Eça caricaturou, são espectros que as acompanham, espelhos impiedosos que elas precisam destruir — porque as pessoas feias têm horror aos espelhos, amaldiçoam-nos, por serem tam indiscretos, reais...

Das obras de Eça de Queiroz, aquela que piores tratos tem sofrido, é *O Primo Basílio*. Tomemo-la, pois, para sôbre ela desenrolarmos a nossa afirmação de que a sua obra não é imoral.

Alguém, chamou a êste romance (e os académicos, de-certo, ratificaram) o libelo mais afrontoso *contra a instituição clássica da família*. Mas não: *O Primo Basílio* tem um sentido profundamente humano. Com êle, o romancista constrói indirectamente uma família que não se diga e finja moralizada, mas que o seja de facto. Nele, Eça de Queiroz, faz o balanço das figuras domésticas de então, analisando com toda a subtilidade a estrutura do *clon* lisboeta e burguês. Aproxima-nos de quantos erros, quantas falsidades e miséria morais, êle se infestara lentamente, imerso no luxo e prenhe de dinheiro.

Ora, esta análise, não tem nada de imoral! Eça de Queiroz, penetrando, até ao cerne, o viver da sociedade, mostrou, negou e destruiu. O seu inconformismo, a sua descrença, o seu pessimismo, são a consciência absoluta, *sui generis*, de que o ambiente era soturno e vão, que nele sucumbiam as vidas abafadas pelos fantasmas da impiedade e do mal... E com os seus dons de análise psicológica, firmou a sua galeria, que pena foi não ser tam profusa e genial, como a de Balzac, o pintor excelso da «Comédia Humana». Êste conhecimento integral do substracto da sociedade, é a maior lição: dá-nos a experiência do presente e modifica-o gradualmente, no sentido do Bem, para que o futuro seja melhor. E' esta, afinal, a missão da Arte, principalmente se tomarmos o romance — e Eça de Queiroz não renegou tal missão. O romancista, interserindo no campo do mundo e no do leitor, é o incentivo e o meio duma aproximação, exacta e objectiva, entre êles. Temos, pois, que, envolvendo-nos na acção que demonstra inteiramente a estrutura da sociedade, Eça emite a sua crítica — e consegue, postado entre o mundo e o leitor, aproximar êste daquele, numa comunhão tal, que dela resulta o conhecimento inteiro daquilo que é preciso que saibamos. Destruindo a farfalhice e a maldade do ambiente, exemplificando, mostrando quais os factores confluídos que desencadearam a tragédia moral de *O Primo Basílio* — êle constrói: já não digo dum modo preciso, claro, com grandes gestos, como quem erguesse, sobrepuzesse pedra a pedra para a edificação dum novo mundo, pondo de parte, é claro, aquela ridícula atitude de quem se arvora em moralizador de profissão: mas de tal modo — brando, subtil, indirecto — que a sua obra resulta plenamente construtiva. E' como se dissessemos: — demolindo, êle constrói...

Basta o que ficou dito, para destruir o conceito de que Eça de Queiroz é imoral. Mas podemos deter-nos ainda neste ponto, analisando, particularmente, o caso *imoral em si*.

O Primo Basílio não é, como igualmente não é *Madame Bovary*, de Gustav Flaubert, a história apologética, incitante, do adultério, com todo o seu rolar de imagens adreces, tãda a pornografia dos encontros amorosos, no *Paraiso*, entre Luíza e Basílio. Não. As páginas onde alguém pode córar, não são, tam pouco, traçadas com o fito de despertar a corrupção — mas sim os quadros capitais da sua tese, onde nos devemos deter tam impressionados, como no penúltimo capítulo do romance, em que um pêso enorme calca os ombros de tôdas as figuras — um pêso a que chamam *fatalidade* — e em que há suspiros e adeuses espraçados no ambiente sombrio do quarto de Luíza, que morre, enquanto o Conselheiro Acácio, «com o chapéu sempre na mão, cruzava os braços, e oscilando a sua calva respeitável, dizia a Sebastião: — Que profundo desgosto de família!...

Eça de Queiroz, repito, não traça o quadro do *Paraiso* com intenção de corromper. Senão, reparem os leitores, sinceros e lúcidos, no traço magoado, tedioso, já visivelmente desgraçado, em que o escritor envolve os deliciosos encontros no *Paraiso*. E fá-lo assim, porque a sua tese é a condenação do adultério, ou melhor: a condenação duma sociedade desequilibrada, incoerente, que renega os frutos podres da sua estrutura imperfeita, e se mostra irresponsável por êles...

Assim, encontra-se refutado o *imoral em si* de algumas páginas da sua obra.

Eça de Queiroz não é, pois, imoral. Quem proclama o contrário, firma-se numa concepção vaga, para não dizer estulta... Concepção daqueles (de apregoado bom senso) que vedam a leitura dos seus romances — e, a ocultas, se repastam nessa mesma leitura: não para lhe beber os exemplos, as conclusões moralizadoras — mas para se deliciarem em páginas estanques de luxúria intencional, finamente traçada.

Eça de Queiroz não é imoral! Em toda a sua obra há, incontestavelmente, o estigma da sua intenção de, analisando e criticando, exem-

RAPSÓDIA

A literatura (fóra da realidade) tem tôdas as taras mórbidas da decadência. Sub-análise de salão, sub-impressionismo de Kodak, e de estenografia, atmosfera de vitrine, deboche e ironia, casos excepcionais, peças únicas, quintessência, abstracção, pessimismo. Resíduos de Stendhal, caricaturas de Dostoiévsky, psicologia de jesuítas, filosofia de papel, cirurgia de pontas de alfinete, ignorância erudita, cerimónias fúnebres.

Obras que têm um valor: o de não despertar nenhum interesse.

(de «Esfera» — Brasil)

No último número de «Sol Nascente», lemos o seguinte: Hitler concedeu um «prémio de cultura» a Todt, o construtor das novas estradas militares, e a Junkers, dos novos aviões de bombardeamento. Significativo...

Fensar não é crer; crer, na maioria dos casos, é até a melhor maneira de não pensar.

António Sérgio

A obediência simula a subordinação exactamente como o medo da polícia simula a honestidade.

Bernard Shaw

Objectiva ou subjectivamente servir para alguma coisa, ser útil, é o primeiro dever que distinguirá os homens no caos dos artfistas.

(de «Esfera», — Brasil)

Conheço duas pessoas «muito parecidas» com que me encontro algumas vezes.

Uma está sentada á mesa do Café:

— Nós fomos uma grande nação... Trilhámos o caminho da Índia, abrimos os olhos ao mundo, demos-lhe lições de *b, a, bá!* Mostrámos aos outros países que Portugal existia, sabia vencer e dominar... Devemos ter orgulho disso, podemos ter ufania da glória dos nossos antepassados!...

O outro meu conhecido está sentado na borda do passeio:

— Aqui há uns anos, não precisava de ninguém... Fazia vida de ricoço, dominando os outros pelo dinheiro! Depois, não sei como, com os balanços da sorte, fui descendo rapidamente, os degraus da importância social! Hoje, as refeições emagreceram... Ah!, mas posso orgulhar-me de que, antigamente, enjoava manjares e acepipes e devo ufanar-me de que meu pai era sustentado a salada de lagosta...

plificar — e construir uma sociedade mais digna e mais culta, mais humana! Tal ideia tanto habita em *O Primo Basílio*, como na *Lenda dos Santos*: apenas há a disseminhança nos quadros, por circunstâncias de ordem sentimental: na primeira obra é agressivo ao mesianizar — na segunda, é quasi-restando que o faz!

Garcez da Silva